

BACELAR, Bernardo de Lima e Melo (1996). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, reprodução fac-similada da edição de 1783, com introdução e notas do acadêmico correspondente Amadeu Torres, Academia Portuguesa de História, Lisboa.

O livro saiu publicado com o título mais extenso *Grammatica Philosophica e Orthographia Racional da Língua Portuguesa*, em Lisboa, no ano de 1783. O seu autor era frade franciscano, onde tomou o nome de Frei Bernardo de Jesus Maria. Sob a influência do Iluminismo, parece ter abandonado a vida conventual e voltado a assinar-se Bernardo de Lima e Melo Bacelar. Dessa *Grammatica* há duas edições, ambas com a data de 1783, uma em conjunto com o *Diccionario da Lingua Portuguesa* e outra autônoma. A edição conjunta deve ter vindo a lume em primeiro lugar, não só por a ela fazer remissões a edição autônoma, mas também por constar da edição conjunta que o autor era "prior no Alentejo", o que foi suprimido na portada da edição autônoma.

Como está na p. 35 da substanciosa Introdução do Prof. Doutor Amadeu Torres, a "*Grammatica Philosophica* o coloca [a Bernardo de Lima e Melo Bacelar] na vanguarda do Iluminismo em Portugal".

O Iluminismo, como se sabe, representa uma nova forma da mentalidade interpretativa e crítica do homem ocidental. *Grosso modo*, cada uma das grandes divisões cronológicas da História teve o seu eixo cultural. O mundo greco-romano foi filosófico-literário; o medieval, filosófico-teológico; o moderno, essencialmente científico. O Iluminismo trouxe esse novo parâmetro epistemológico, qual o de investigar a realidade somente à pura luz da razão. Dois caminhos se abriram: partir das idéias para os fatos ou, ao contrário, dos fatos para as idéias. Ou seja, respectivamente, *racionalismo* e *sensualismo* (as sensações como fontes primárias do conhecimento). Descartes e seus continuadores, Locke e seus discípulos são figuras emblemáticas de cada uma dessas faces do período. Fala-se então em *grammaire raisonnée*, *gramática filosófica*, *grammatica universalis*. Mas em todas elas é a razão que cumpre explicar os fatos, quer por via indutiva, quer dedutiva. Veja-se, p. ex., a definição de *Gramática Filosófica* que nos dá Melo Bacelar: "A *Grammatica Philosophica* he huma coleção de Leis, com que *arrazoadamente* fabricamos, e dispomos os sons, que communicão aos outros os nossos conceitos" (p. 6-7). O grifo é nosso.

O racionalismo faz da linguagem a expressão do pensamento, e toma muito ao pé da letra tal afirmação. Quero dizer, como num leito de Procusto, procura ajustar, mesmo estruturalmente, a proposição ao juízo. Daí a idéia

de que se deva partir da proposição (oração) para suas partes. Observa-o com autoridade o Doutor Amadeu Torres:

Daí que o seu método [o de Melo Barcelar] se situe nos antípodas do de tantos gramáticos. No geral, principiam pelo alfabeto, pelas sílabas e palavras cujo elenco classificativo esgotam, para culminarem nas construções frásicas e respectiva sintaxe, quer simples, quer figurada; (p. 19).

E arremata o Doutor Amadeu Torres:

De fato, o autor da *Grammatica Philosophica*, sem deixar de ter em mira uma síntese final englobante, o objetivo da generalidade dos tratadistas gramaticais, decidiu-se, à entrada, pela via oposta e mais natural que procede da síntese para a análise, do concreto experienciável para o abstrato da conceptualização, dos efeitos constatados para o discernimento das causas, enfim do complexo para o simples: "car les sujets complexes semblent nous être plus familiers, nous les saisissons plus facilement. Ainsi un enfant sait très bien former une phrase, et dire: *Socrate se promène*, mais en analyser les parties, le *nom* et le *verbe*, décomposer les mots en syllabes, et descendre aux lettres qui sont les éléments de celles-ci, c'est une opération qui passe sa portée".

Melo Bacelar distingue *três partes essenciais* na Gramática, a saber: o *som* que representa o *Agente*, ou nominativo; o *som* que mostra a *Ação*, ou verbo; e o *som* que faz as vezes de *Acionado*, paciente, ou caso. São esses três sons os únicos que compõem a *Oração*, "a única cousa que o Grammatico pretende fazer" (p. 59). Tal tripartição lembra a de Delacroix entre *substância, ação e relação*.

As outras 5 ou 6 partes da oração (sic) não são essenciais e constituem os *Adjuntos*, assim discriminados: artigo, prenome*, preposição, advérbio, conjunção, interjeição.

Penso, como Delacroix, que as três partes essenciais da proposição são o *nome* (substância, inclui o pronome), a *ação* (o verbo, ativo ou passivo) e o *conectivo* (preposição e conjunção). E, entre os *conjuntos* (se assim podemos chamar englobadamente as partes essenciais) e os *Adjuntos* (determinantes), situamos os *Subjuntos* (os complementos). A oposição fundamental é sempre entre nome e verbo: complemento nominal e complemento

* Na verdade *pronome*; o autor também escreve *preposição* mesmo quando se trata de *proposição*.

verbal, adjunto adnominal e adjunto adverbial, conectivo nominal (preposição) e conectivo verbal (conjunção).

A *Grammatica Philosophica*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783) é “a primeira declaradamente tal” (p. 27). Consta de 112 p. e está muito subordinada à metalinguagem da gramática latina (fala em caso, declinação, vogal breve e longa, compara a “declinação portuguesa” com a grega e a latina; procedimento que estende às conjugações; a parte fônica, sucinta, é de pouca valia). No entanto a sua publicação preenche um claro na historiografia gramatical portuguesa. É o que ficamos a dever ao Prof. Doutor Amadeu Torres.

Sílvio Elia